

O santuário de Elêusis na Ática a partir de relatos dos viajantes antiquaristas (do séc. XVII ao XIX): um estudo de caso sobre os usos da cultura material*

The sanctuary of Eleusis from the accounts of antiquarian travellers (from the 17th to the 19th century): a study case on uses of material culture

Felipe Perissato**

Resumo: Os relatos de viagem escritos por antiquaristas são importantes fontes para historiadores e arqueólogos, pois resguardam registros textuais e pictóricos de paisagens, monumentos e artefatos que remetem à Antiguidade Clássica, além de descreverem populações locais e as dinâmicas entre as paisagens antiga e moderna. Eles também podem ser interpretados como registros de um longo processo histórico de sucessivas retomadas da Antiguidade Clássica por sociedades modernas. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo apresentar o santuário de Deméter e Core em Elêusis, na Ática (Grécia), a partir dos relatos de viajantes em passagem pelo vilarejo entre os séculos XVII e XIX. Propõe-se enquadrar essas obras em seu contexto histórico, compreendendo sua relevância tanto como importante fonte histórica visual e textual quanto explorando as consequências polêmicas do manejo das antiguidades por alguns antiquaristas.

Abstract: Travel accounts written by antiquarists are important sources for historians and archaeologists, as they safeguard textual descriptions and pictorial records of landscapes, monuments and artefacts, in addition to describing contemporary locals and the dynamics between ancient and modern landscapes. They can also be interpreted as records of a long historical process of successive appropriations of Classical Antiquity by the modern societies. In this sense, this article aims to present the sanctuary of Demeter and Core in Eleusis in Attica (Greece) from the travelers' accounts from the 17th to the 19th centuries. Thus, it reframes these sources in its historical context, both understanding their relevance as an important visual and textual historical source and exploring the controversial consequences of the handling of antiques by some antiquarists.

Palavras-chave:

Antiquarianismo.
Santuário de Elêusis.
Cultura material.
Relatos de viagem.
Formação de identidades nacionais.

Keywords:

Antiquarianism.
Eleusinian sanctuary.
Material culture.
Travel accounts.
Formation of national identities.

Recebido em: 07/12/2020
Aprovado em: 12/01/2021

* Este artigo é uma versão expandida, revisada e atualizada dos itens 2.1. e 2.2. integrantes do segundo capítulo da dissertação de mestrado do autor, intitulada *Elêusis no Império Romano: monumentalização do santuário e o culto dos Mistérios Eleusinos no Período Antonino* (2018), resultado da pesquisa financiada pela Fapesp (Processos 2015/16650-0 e 2016-17061-0). Agradecimentos especiais à *Scuola Archeologica Italiana di Atene* e ao Prof. Dr. Emanuele Greco por possibilitarem o estágio de pesquisa em Atenas entre setembro e dezembro de 2016. O autor ainda agradece ao parecerista anônimo pelos apontamentos feitos ao artigo.

** Doutorando em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e pelo Max-Weber-Kolleg für Kultur- und Sozialwissenschaftliche Studien der Universität Erfurt, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cristina Kormikiari Passos e coorientação do Prof. Dr. Jörg Rüpke. Participa do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) do Mae-Usp e é bolsista de doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Introdução

O fascínio pela cultura material das sociedades pretéritas remonta pelo menos ao século XIV. Se levarmos em consideração que hoje a cultura material é entendida como resultado da manipulação técnica da natureza pelas sociedades humanas e que o significado atribuído a ela é construído socialmente, então é possível evidenciá-la como uma fonte primordial para as várias dimensões da vida social no passado (MENESES, 1983, p. 112). A cultura material das sociedades do passado ainda pode sofrer ressignificações ou apropriações a serviço de determinadas ideologias ou movimentos históricos ao longo do tempo, o que a torna um poderoso artifício para justificar diversos usos que se fazem do passado, selecionando eventos e destacando certos aspectos em detrimento de outros, que ficam ofuscados ou até silenciados (MESKELL, 2002, p. 1-3).¹ No entanto, há uma série de camadas teóricas e metodológicas nesta conceituação contemporânea de cultura material, a qual se definiu em conjunção com o desenvolvimento científico da Arqueologia e de outras Ciências Humanas.

As primeiras investigações a respeito deste “segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem” (MENESES, 1983, p. 112) ocorreram a partir dos resgates da cultura greco-latina no período conhecido como Renascimento (entre os séculos XIV e XVI). No entanto, a noção de cultura material, que não atendia por este nome na mencionada época, estava circunscrita em um mundo antigo que começava a se evidenciar: aquele dos textos, dos objetos artísticos e das ruínas. De acordo com Díaz-Andreu (2007, p. 32), o resgate da Antiguidade Clássica foi utilizado pelas elites italianas mercantis emergentes como instrumento político para a legitimação no poder, oferecendo fundamento para a expressão política e distinção simbólica perante os discursos medievais vigentes. Na busca por afirmação perante a sociedade da época, as elites governantes passaram a “subsidiar antiquaristas e historiadores à busca pelo passado idealizado que necessitavam” (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 58). Esse movimento deu origem a um longo processo que impactou substancialmente na produção artística e intelectual do período, sobretudo na escultura, na pintura, nas ciências naturais e na filosofia, expandindo-se rapidamente para o restante da Europa Ocidental (MOMIGLIANO, 2004, p. 106-109).

Evidentemente, a Antiguidade Clássica que os renascentistas miravam era aquela cuja efervescência civilizatória foi extraída de dois principais centros: Roma e Grécia antigas.

¹ Lynn Meskell (2002, p. 1-3), que em um estudo destrincha o desenvolvimento da Arqueologia, da História e de suas respectivas ramificações de teor nacionalista nos Bálcãs e no Oriente Médio na segunda metade do século XX, afirma que nessas regiões “narrativas arqueológicas e históricas estão profundamente imbricadas em realidades sociopolíticas”. No entanto, a nota crítica é válida para análises sobre usos políticos da cultura material (hoje compreendido nos termos de “patrimônio cultural nacional”) e da própria Arqueologia de maneira geral.

Dessa forma, esses lugares tornaram-se pontos de peregrinação de viajantes antiquaristas, que, por se tratarem de eruditos com domínio apurado dos textos greco-latinos, deslocavam-se em busca dos artefatos e estruturas que evidenciassem o mundo descrito nas fontes textuais. No entanto, é necessário analisar este fenômeno ocorrido entre meados do século XIV até a primeira metade do XIX não somente como uma série de resgates do passado, mas como um processo histórico complexo, envolvendo relações entre diferentes culturas e diversas concepções sobre memória coletiva. Ademais, deve-se levar em conta o impacto das conjunturas presentes nesta longa duração, tais com as chamadas guerras de religião no século XVII e o Iluminismo no XVIII (DYSON, 2006, p. 1-19).

Nesse sentido, o presente artigo visa a analisar como a cultura material foi lida e apropriada pelos viajantes antiquaristas, cujos relatos apresentam uma visão seletiva sobre o passado clássico. Para tanto, o enfoque da análise está restrito a um local em específico: o santuário de Deméter e Core em Elêusis, situado na área costeira da Ática (Grécia Balcânica). Já as fontes cobrem relatos dos viajantes dos séculos XVII e XVIII às descrições topográficas e arquitetônicas da Sociedade dos Dilettanti do XIX. A referida área sagrada foi dedicada a um dos mais populares cultos às deusas agrícolas, os Mistérios de Elêusis, e à celebração do ciclo mítico eleusino (o Rapto de Perséfone). Devido à influência constante de Atenas no funcionamento do santuário durante a Antiguidade (século VI a.C.-III d.C.), Elêusis foi um ponto de convergência para peregrinos vindouros de diversas partes da Grécia e, em períodos tardios, do Mediterrâneo de influência romana (MYLONAS, 2009, p. 155). Mesmo depois de séculos após o fim da vida do santuário (século IV d.C.), o local, frequentado por esparsas famílias dependentes da pesca e comércio portuário, passou a ser de interesse para uma diversidade de antiquaristas interessados em redescobrir as ruínas do santuário antigo.

Assim, a presente proposta consiste em apontar os dois lados das intervenções de viajantes antiquaristas no vilarejo de Elêusis, na Ática, entre os séculos XVII e XIX. Procura-se compreender tanto os relatos de viajantes enquanto fontes históricas, destacando o papel dos relatos e descrições em seus contextos históricos, quanto identificar as consequências da apropriação e dos usos da cultura material relatados nos textos antiquaristas, como foi o caso do saque de estátuas e o papel preponderante da Antiguidade Clássica na construção dos imaginários nacionais. Para isso, será apresentado um caminho argumentativo que parte da recuperação do mito eleusino nos textos que compõem a tradição clássica, pontuando sua relevância para os viajantes antiquaristas, passando à análise dos relatos de viajantes, tais como de Jacob Spon (1678), Julien-David Le Roy (1755), Edward Daniel Clarke (1814) e da Sociedade dos Dilettanti (THE SOCIETY OF DILETTANTI, 1833). Por fim, esses elementos serão discutidos à luz do contexto histórico

da Grécia sob domínio turco-otomano, procurando elucidar as relações entre estes e outras nações europeias imperialistas.

O mito eleusino na tradição clássica e a descoberta do Manuscrito M, em 1777

A principal retomada da Antiguidade Clássica se deu por meio do resgate das fontes escritas greco-latinas durante o Renascimento. Segundo Mulryan (2017, p. 59), “a recepção da mitologia grega e romana tomaram diversas formas durante a Renascença, assim os mitógrafos renascentistas ofereceram a reformulação mais compreensiva, lúcida e atraente deste material”. Entretanto, os mitos, no geral, passam por inúmeras recepções desde suas narrativas originárias da tradição oral, adaptam-se em versões de tradição escrita e assumem diferentes características a partir das leituras que diferentes culturas fazem deles (BREMNER, 2009, p. 684-685). Este item, que está situado em um recorte específico, tem como objetivo compreender quais textos antigos foram responsáveis por resguardar o mito eleusino de Deméter e Core. Além disso, será argumentado como o processo histórico das viagens antiquaristas esteve relacionado às próprias descobertas da tradição clássica. Por serem estudiosos da cultura clássica, os viajantes classicistas se valeram de seu conhecimento textual para a busca pela materialidade do mundo antigo, característica presente em muitos de seus relatos (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 53).

O episódio do Rapto de Perséfone é uma das narrativas mitológicas mais mencionadas pelos escritores greco-latinos na Antiguidade e, sem dúvida, uma das mais populares, o que pode ser evidenciado pela sua presença em diversos gêneros literários (MYLONAS, 1942, p. 9-10). A fonte mais antiga a trazer uma menção ao mito eleusino é a Teogonia, de Hesíodo (vv. 913-914), escrita por volta de VIII a.C. E, como aponta Mylonas (2009, p. 9), a história de Deméter e Perséfone também aparece nas canções da peça *Helena*, de Eurípedes (vv. 1301-1368), na sexta ode de Calímaco, nos *Theriaca*, de Nicandro (483-487) e no fragmentado *Hino a Deméter*, de Filico de Córcira (VI, 1-168). Além disso, possui uma vasta popularidade entre os autores romanos, com duas completas narrativas em Ovídio, em *Metamorfoses* (385-571) e em *Fastos* (IV, 419-616), e uma narrativa completa no poema épico de Claudiano, chamado *De raptu Proserpinae* (MYLONAS, 1942, p. 9-10). Outras menções sobre o santuário de Elêusis e sobre o culto de mistérios aparecem em fontes de outros gêneros, como nas *Histórias*, de Heródoto (9, 65), na comédia de Aristófanes (*Archanae*, 735), nos discursos de Andócides de Atenas (*De mysteriis*), nas *Helênicas*, de Xenofonte (I, 4, 20), em Diodoro Sículo (*Bibliothecae Historicae*, I, 29, 1), entre outros. São mencionados também em autores do período romano, como nas epístolas e tratados de Cícero (*Epistulae ad Aticum*, 50, 251, 2; *De natura deorum*, 1,

42) e nas narrativas de Tito Lívio (31, 25; 31, 26), por exemplo (MYLONAS, 1942, p. 9-10).² Além destes, há uma série de descrições do santuário em fontes de caráter descritivo do espaço, como as menções na *Geografia*, de Estrabão (9, 1, 12), na *Descrição da Grécia*, de Pausânias (1, 26-28) e no *Tratado de Arquitetura*, de Vitrúvio (VII, 16).³

Esta diversa e numerosa quantidade de textos que compõem a tradição literária clássica foi a principal fonte para a inspiração dos pesquisadores e artistas renascentistas dos séculos XIV e XV, quando as narrativas mitológicas foram compiladas. Vale destacar que, além dos já mencionados textos, são descobertos, a partir do século XV, os primeiros manuscritos dos popularmente conhecidos *Hinos homéricos*. Compostos por uma série de hinos em hexâmetros dactílicos, este compêndio contém desde celebrações de atributos dos deuses e deusas olímpicos até narrativas de nascimento ou episódios importantes da vida de determinadas deidades (FAULKNER, 2011).

Em 1777, foi descoberto o Manuscrito M por C. F. Mathaei, em um pequeno monastério de Moscou. Publicado em Leiden (*Leidensis B.P.G. 33H*), este *codex*, cujas 30 primeiras folhas foram perdidas, contém fragmentos do que hoje é conhecido como o *Hino a Dionísio*, uma seção média com um segundo hino de extensa narrativa e um texto longo e intacto do segundo Hino a Deméter (FAULKNER, 2011, p. 1-2). Esta redescoberta proporcionou uma reviravolta nos estudos sobre o ciclo mítico eleusino, pois ofereceu não só um rico relato em hexâmetro dactílico do episódio do Rapto de Perséfone, como tem sugerido uma série de elementos para a compreensão do culto de mistério realizado em Elêusis (MYLONAS, 1942). Segundo Faulkner (2011, p. 2-3), a redescoberta destes poemas proporcionou “um florescimento dos estudos sobre os Hinos na virada para o séc. XIX”, momento em que as edições completas com comentários críticos começaram a aparecer. Embora fragmentada, a rica coleção de fontes antigas foi um suporte fundamental para todos os pesquisadores ao longo da Modernidade, dos antiquaristas aos historiadores do século XX.

Se, por um lado, podemos identificar que há um caminho dos estudos literários, cujos grandes expoentes foram os classicistas que desenvolveram uma extensa e profunda crítica dos textos antigos na busca para compreender o mundo antigo, por outro identificamos o antiquariato, formado por estudiosos que se dedicavam à descrição dos artefatos e estruturas físicas do Antiquidade. No entanto, vale afirmar que não podemos opor um ao outro como elementos antagônicos, uma vez que tanto os antiquaristas

² Mylonas (1942, p. 9-10, nota 2) lista as principais figurações do mito eleusino nas fontes textuais.

³ Além destes que destacamos, há uma compilação completa e interativa das menções sobre os mistérios e o santuário de Elêusis no banco de dados *ToposText*, produzido pela *Aikaterini Laskaridis Foundation*. Disponível em: <<https://topostext.org/place/380235SEle>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

quanto os classicistas que se dedicavam exclusivamente aos textos eram eruditos especializados na cultura clássica (greco-romana, sobretudo). Além disso, os antiquaristas eram especialistas de formação heterogênea, abarcando de filólogos a arquitetos e pintores, muitos dos quais eram membros de clubes e de sociedades antiquaristas. Os espaços coletivos propiciavam a troca de informações e estudos sobre a Antiguidade Clássica a partir dos textos clássicos e das experiências com as antiguidades, o que foi fundamental para o planejamento de uma série de viagens no decorrer dos séculos XVIII e XIX (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 53-55).

Dos primeiros relatos de viajantes às expedições da Sociedade dos Dilettanti (sécs. XVII-XIX)

As primeiras menções sobre as antiguidades de Elêusis são encontradas em relatos de viajantes dos séculos XIV e XV. Conforme já apresentado neste artigo, trata-se de uma época marcada pelo resgate cultural artístico da Antiguidade Clássica, em que os olhares dos intelectuais e artistas se voltaram exclusivamente para locais compreendidos como centros da cultura clássica. As ruínas com as quais conviviam naturalmente em suas paisagens contemporâneas passaram a se tornar alvo do interesse antiquarista. Ou, ao menos, se tornaram evidência daquele mundo testemunhado nos manuscritos greco-latinos que começavam a ser compilados, como já apresentamos neste artigo. Nesse sentido, Momigliano (2004, p. 107) afirma que:

[...] a maioria [dos autores antiquaristas da época] via a Antiguidade como modelo de arte, arquitetura e festivais, e admiravam as leis e as instituições romanas. O antiquariado aparecia como um renascimento das antigas formas de vida: ajudava as nações a adquirirem autoconfiança ao redescobrir suas antigas tradições.

Assim, para evidenciar os vestígios das ditas “grandes civilizações”, os antiquaristas realizavam uma série de viagens à Grécia e à Ásia Menor a fim de descrever os monumentos e estruturas, além de coletarem vestígios como moedas, esculturas, cerâmicas, enfim, objetos que, em sua visão, retratavam este passado clássico. Esse processo, tal como podemos enquadrar os primeiros séculos da Idade Moderna (séculos XIV e XV), descreve o tipo de relação que estes estudiosos tinham com os objetos antigos em sua época. Segundo Trigger (2004, p. 36):

A apreciação da Antiguidade Clássica não ficou restrita à literatura, expandindo-se rapidamente de modo a incorporar os domínios da arte e da arquitetura, objeto de particular interesse da nobreza italiana e dos mercadores ricos, que se rivalizavam como patronos das artes. [...] Esta evolução pouco a pouco

tornou claro que não apenas a palavra escrita, mas também os objetos materiais sobreviventes do passado, podiam constituir importantes fontes de informação sobre a civilização clássica.

Desse modo, muitas viagens foram realizadas por estes antiquaristas que utilizavam, por exemplo, fontes como Pausânias (*Hell. Peri.*) e Heródoto (*Hist.*) como guias para entender os caminhos deste passado clássico. Assim, veremos como prevaleceu uma perspectiva de materialização da evidência escrita na análise de excertos selecionados de relatos de viajantes que visitaram o vilarejo de Elêusis, em que o olhar à materialidade tinha um viés específico a favor de uma leitura renascentista e iluminista sobre a arte clássica. Além disso, serão discutidos os elementos que caracterizam algumas das obras que descrevem o vilarejo eleusino, apontando seus legados e o impacto das intervenções para o sítio e para o povoado local.

Os primeiros registros que mencionam o vilarejo onde se encontram as antiguidades de Elêusis foram feitos nos séculos XIV e XV (COSMOPOULOS, 2015, p. 3). Quem primeiro mencionou um pequeno vilarejo na Baía de Elêusis foi o napolitano Niccoló de Martoni, na obra referente à sua viagem a Jerusalém, em 1395, quando relatou uma torre na região com o nome de *Lippisinox* (corruptela da palavra Elêusis) (JUDEICH, 1897, p. 430-443). No entanto, o primeiro registro propriamente relevante é creditado a Ciriaco de Ancona (Ciriaco de Pizzicolti, 1391-1452). Ciriaco foi um mercador italiano que, em longas viagens pela Grécia e pelo Mediterrâneo Oriental, coletou dados a respeito de monumentos antigos, além de realizar cópias de centenas de inscrições e desenhos dos monumentos antigos. O viajante ainda coletou moedas e outras obras de arte (TRIGGER, 2004, p. 36). Em visita feita, em 1436, Ciriaco relatou, na região de Elêusis, a presença do que ele chamou de "entulhos de mármore", além da descrição de um grande aqueduto (BORDNAR, 1960 *apud* COSMOPOULOS, 2015, p. 34).⁴

No século XVII, o antiquarista francês Jacob Spon (1647-1685) e o clérigo inglês Sir George Wheler (1650-1723), em viagem de Veneza a Istambul, chegaram ao povoado de Elêusis e relataram a presença de um pequeno vilarejo, onde habitavam esparsas famílias dependentes da pesca e da agricultura, com razoável atividade de comércio portuário. As crônicas de Spon (1678) e de Wheler (1682) descrevem um cenário bucólico ao se referirem a Elêusis (chamada então de Lepsína, *Λεψίνα*), destacando um local onde a natureza se misturava com as ruínas. Segundo Spon (1678, p. 213-216),

⁴ Hoje sabemos que este aqueduto foi construído por Adriano, no século II. Seus vestígios se encontram *in loco* até hoje na moderna cidade de Elefsina. Ver Papangeli e Chlepa (2011).

Eleusis appellée presentement Lepsina, étoit une Ville raisonnable pendant qu'Athenes floriffoit. Elle est dechuë avec elle, & maintenant les Corsaire Chrêtiens de beaucoup plus inhumains que les Turcs, l'on si maltraitée, que tous les habitans generalement ont deserté, & qu'on n'y void plus que des ruines. [...]
Après avoir dîné des provisions que nous avons avec nous, & un peu ri de nôtre aventure, nous visitâmes mieux à nôtre aise les ruines du Temple de Ceres & de Proserpine; mais il nous fut impossible d'en bien comprendre le plan. Tout est en confusion, & ce n'est qu'un amas informe de colonnes, de frises, & de corniches de marbre. Nous y remarquames un chapiteau Ionique tres-beau & mediocrement gros, & le rest de la statuë de Ceres de tres-beau marbre blanc parfaitement bien travaillé: aussi étoit elle peut-être de Praxitele, comme celle qui étoit à Athenes dans le Temple qui luy étoit dedié. Ce qu'elle porte sur la tête est extraordinaire; c'est comme un panier, autour duquel sont gravez des épis de bled avec des fleurs, parce qu'elle avoit enfeigné la culture de la Terre à ceux d'Eleusis, & des javailles de pavots qui luy étoient dediez. [sic].⁵

É interessante mencionar que Jacob Spon cita a presença de uma estátua, porém sua identificação como representação de Deméter se revelou equivocada posteriormente (MYLONAS, 1942, p. 9-10). Tratava-se, na verdade, de uma cariátide, um membro escultórico pertencente à fachada interna de um propileu do santuário.⁶ Porém, antes mesmo desta revelação ser feita, registrou-se que a estátua foi removida do vilarejo em 1800-1801 e levada à Inglaterra por Edward Daniel Clarke (1769-1822),⁷ onde se encontra até hoje, no Museu Fitzwilliam de Cambridge (COSMOPOULOS, 2015, p. 34-36).

Outras menções a respeito de Elêusis vêm do século XVIII, cujas viagens de pesquisa antiquária foram impulsionadas principalmente pelas novas retomadas da Antiguidade Clássica no contexto do Iluminismo (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 60-78). Em 1738, John Montague, o Duque de Sandwich, descreve a relação entre a presença dos turco-otomanos e do pequeno povoado de Lepsína. Ele também evidencia que muitas esculturas foram destruídas pelos dominadores no povoado (COSMOPOULOS, 2015, p. 35).

Em 1755, o arquiteto francês Julien-David Le Roy relatou, na publicação *Les ruines des plus beaux monuments de la Grècei*, sua visita à região. Em uma passagem a respeito

⁵ A reprodução do excerto está no francês grafado da época (1678). Versão digitalizada do manuscrito está disponível em: <<https://archive.org/details/voyageditalieded02spon/page/214/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

⁶ Pertencente ao Propileu Menor, datado de ca. 50 a.C. (período romano republicano). Trata-se de uma estrutura arquitetônica doada por um cônsul romano, Appius Claudius Pulcher (evidências textuais em Cícero, *Espistulae ad Atticum*, VI, I, 26; VI, 6, 2; epigráficas em CIL I² no. 775). Mais informações em Mylonas (2009, p. 156-158).

⁷ Há um interessante episódio sobre a retirada desta estátua no relato de Chandler, membro dos Diletanti, em 1766. Cultuada pelos habitantes do vilarejo, acreditava-se que a presença da estátua trazia prosperidade às colheitas. Como uma sobrevivente dos tempos, pode-se dizer que a história folclórica da estátua, ou "Santa Demetra", segundo o arqueólogo François Lenormant notou, em 1864, foi, de certa maneira, uma releitura do mito eleusino, pois retratava igualmente a busca de uma mãe pela filha raptada. A curiosa diferença estava na representação do antagonista, pois, ao invés de Hades, eram os turcos que figuravam o papel de raptadores, um retrato folclórico de resistência aos tempos da dominação turco-otomana. Ver os relatos de Chandler e Revett (1825, p. 237) e de Lenormant (1864, I, p. 398). Viajantes posteriores a Chandler, como Dodwell (1804) e Chateaubriand (1806), registraram o infortúnio que a remoção da estátua causara aos locais, pois relataram a existência de sucessivas temporadas de más colheitas, em decorrência da remoção. Ver Mylonas (2009, p. 11-12) e Cosmopoulos (2015, p. 36).

do vilarejo onde se situava o antigo santuário de Elêusis, ele destaca a presença de ruínas pertencentes a templos de mármore e grandes aquedutos, sinais do “grande esplendor” do que um dia foi o Santuário de Deméter (LE ROY, 2004, p. 428):

As is well known, the city of Eleusis, now Lefsina, once was one of the most famous in Greece, as its ruins show even now. Still to be seen are the remains of a number of fine marble temples, great aqueducts, and other traces of its former splendor. After first examining the traces of the Temple of Diana Propylaia and of a number of other temples, I concentrated my attention on the extant remains of the Temple of Ceres [(Telesterion)].

Once so celebrated and so revered by every people that it was spared even by Xerxes, that sworn enemy of the gods of Greece and destroyer of their temples, this monument is now entirely formless, like that of Apollo on Delos; it is so ruinous that I found it impossible to draw a view of it. It is nevertheless easily identified from its extent and the beauty of its fragments, which include some very fine Doric and Ionic capitals. Vitruvius numbers it among the four temples in Greece whose disposition was imitated by the most celebrated architects, as we have said. Iktinos built it, in the Doric order, of extraordinary size and without external columns, to leave more space for the sacrificial rites. Later, Demetrius of Phaleron, when he was governor of Athens, made it prostyle by placing columns before it, both to enhance the dignity of the building by decorating its facade and to make room for those not yet admitted to the mysteries of the goddess.

In the sanctuary of this temple stood a beautiful statue of Ceres in white marble. This was colossal: the size of its bust, still to be found in the ruins of the temple, shows that it must have been more than fifteen feet tall. The goddess was shown carrying a basket on her head, around which ears of wheat, well known to be her attribute, can still be seen; on her breast she has two ribbons crossed diagonally, with a head of Medusa at the point where they intersect.⁸

Como fica evidente no excerto, Le Roy revela a dificuldade em identificar os remanescentes do *Telesterion* de Elêusis mesmo com o conhecimento apurado dos relatos de Vitruvius, mas concede atenção especial a uma estátua que identifica como sendo uma representação de Deméter. Porém, as descrições que faz levam à constatação de que se trata da mesma cariátide aqui mencionada. Assim, fica evidente, neste relato, a exaltação à proeminência escultórica e a utilização dos relatos Vitruvius (*De arch.*, VII, 16), além de Pausânias (*Hel. peri.*, 1, 38, 1; 1, 37, 3) e Diodoro Sículo (*Bib. His.*, 1, 1, 29, 1-4) em outros trechos, para se guiar a respeito dos monumentos e da arquitetura (LE ROY, 2004, p. 428-429).

Entretanto, a primeira exploração efetiva no vilarejo de Elêusis, para além dos meros relatos descritivos e intervenções pontuais, veio da Sociedade dos Dilettanti. De acordo com Díaz-Andreu (2007, p. 46), sociedades como esta surgiram no intuito de financiar expedições em busca pelas antiguidades gregas, aproveitando-se da porosidade das fronteiras na Grécia com o enfraquecimento do Império Otomano, no fim do século

⁸ Tradução de David Britt da edição feita pelo *The Getty Research Institute Publications Program* (2004).

XVIII. Formada por estudiosos antiquaristas patrocinados por nobres ingleses ligados ao mercado de artes, as expedições Dilettanti no século XVIII tiveram como objetivo um estudo mais apurado das “grandes civilizações”, produzindo descrições narrativas e visuais mais precisas. Além disso,

[...] o crescente conhecimento sobre arquitetura criou uma consciência sobre a importância das contribuições gregas às realizações estéticas romanas. Por sua vez, isso levou os estudiosos a reconhecerem que um verdadeiro conhecimento da arquitetura clássica requeria um conhecimento dos originais gregos, especialmente das obras na Grécia continental (DYSON, 2006, p. 6, tradução nossa).⁹

Segundo Redford (2008, p. 44-51), algumas características que marcaram o conjunto da obra Dilettanti podem ser elencadas. Primeiramente, há a presença de uma linguagem de natureza “científica” ao almejar a exatidão empírica, o que fica evidente nos relatos por meio das análises e descrições arquitetônicas. Em segundo lugar, identifica-se o discurso nacionalista, muito evidente por parte da nobreza britânica que compunha a Sociedade, pois seus integrantes buscavam imitar a Sociedade Real Britânica, pioneira na promoção da História Natural durante o ascendente Império Britânico. E, por último, é muito marcante uma perspectiva anti-pitoresca, sobretudo a respeito dos exageros nas descrições de viagens de até então, procurando promover uma narrativa com teor mais racional pela utilização de uma linguagem descritiva, precisa e de maior clareza em seus apontamentos (REDFORD, 2008, p. 44-51).

Assim, uma primeira expedição financiada pela Sociedade dos Dilettanti de Roma foi organizada por James Stuart (1713-1788) e Nicholas Revett (1720-1804), em 1750. Seus objetivos foram “estudar, medir, desenhar os melhores exemplos da arquitetura grega encontradas para que por meio de publicações futuras pudessem oferecer aos arquitetos e patronos britânicos os melhores exemplos da arquitetura grega pura” (DYSON, 2006, p. 6). O relato desta expedição, em conjunto com as medições dos monumentos por Revett e os desenhos arquitetônicos e reconstruções artísticas feitas por Stuart, além de intervenções no sítio feitas por toda equipe, foram publicados no primeiro volume de 1762 (*The Antiquities of Athens*). Entre os anos de 1765 e 1766, outra expedição da Sociedade dos Dilettanti aconteceu sob a chefia do antiquarista inglês Richard Chandler, acompanhado pelo arquiteto Nicholas Revett e pelo artista William Pars (MYLONAS, 1942, p. 10-11; COSMOPOULOS, 2015, p. 35). Chandler e Revett mencionam a cariátide

⁹ No original, “This increasingly sophisticated architectural scholarship created a growing consciousness of the importance of Greek contributions to Roman aesthetic achievements. In turn, this led scholars to recognize that a true understanding of classical architecture required a knowledge of the Hellenic originals, especially the works of mainland Greece. [...]” (DYSON, 2006, p. 6).

de Elêusis e relataram a importância da estátua para a comunidade eleusina de sua época (CHANDLER; REVETT, 1825, p. 237).

Outros antiquaristas realizaram viagens e produziram relatos que merecem ser mencionados neste artigo. O irlandês Edward Dodwell, um estudioso de Cambridge, viajou ostensivamente à Grécia nos anos 1801 e 1805-1806. De acordo com Stephen Dyson, Dodwell foi pioneiro na “utilização das descrições de Pausânias (séc. II d.C.) para identificar as ruínas sobreviventes com os monumentos clássicos e relacionar a topografia antiga com a moderna” (DYSON, 2006, p. 68). Além disso, adquiriu uma vasta coleção de vasos áticos, que posteriormente acabaria na coleção do monarca Ludwig I da Baviera. Por outro lado, o antiquarista fez cerca de 400 desenhos ilustrando vívidas representações da paisagem e dos monumentos, publicados em seu volume *Views of Greece*, de 1821 (DYSON, 2006, p. 68-69). Também merecem uma apropriada menção as viagens do já citado Edward Daniel Clarke pelo Mediterrâneo Oriental na temporada de 1800-1801. Segundo Dyson (2006, p. 69-70), Clarke foi um clérigo e estudioso britânico a serviço dos nobres ingleses que coletou uma série de antiguidades, além de ter descrito um considerável número de sítios gregos. Publicou o relato de suas viagens em 1810 e obteve sucesso e popularidade com a venda de sua obra entre a classe média instruída britânica (DYSON, 2006, p. 70). Além disso, Clarke foi responsável por remover a cariátide de Elêusis, então identificada como estátua de Deméter pelos antiquaristas, um objeto cultuado pela população cristã ortodoxa local:

Having made some proposals to the priest of the village for the purpose of purchasing and removing the mutilated fragment of the Statue of Ceres, and in using his influence with the people to that effect, we were informed that these measures could only be pursued by obtaining a firmân from the Waiwode of Athens; to whom, as lord of the manor, all property of this description belonged... After some deliberation, the Governor acceded to our request; but upon the express condition, that we would obtain for him a small English telescope belonging to Signor Lusieri. This request opposed a very serious obstacle to our views; because it became necessary to divulge the secret of our undertaking, to a person indeed in whom we could confide, but who was at the moment actually employed in collecting every thing of this kind for our Ambassador [ele se refere ao Lorde Elgin]; who had prohibited the removal of any article of antient [sic] sculpture on the part of his countrymen, excepting into his own warehouses, as an addition to the immense Collection he was then forming, in the name, and with the power, of the British Nation. [...] (CLARKE, 1814, p. 772-788 *apud* HAMILAKIS, 2007, p. 70).

Em sua obra sobre a cultura material e os imaginários nacionais na Grécia, Hamilakis (2007) reproduz este excerto em um contraponto ao depoimento do folclorista Politis (1904, p. 74). Nele, Hamilakis (2007, p. 70-73) destaca como o relato de Clarke reflete “a atitude de viajantes românticos e suas aventuras arqueológicas nos séculos XVIII e

XIX, bem como sua atitude de arrogância e desprezo perante os camponeses iletrados e 'supersticiosos'. Além disso, fica evidente, no depoimento, um aspecto fundamental de seu contexto histórico e sua implicação na exploração das antiguidades gregas. Nesse sentido, evidenciam-se as relações entre os governadores otomanos e os membros do corpo diplomático britânico na questão do manejo das antiguidades, bem como na remoção de estátuas e outros artefatos. O próprio embaixador a que se refere Clarke é Lorde Elgin, conhecido pela remoção dos mármore do friso do *Párthenon* e seu envio ao Reino Unido, onde acabariam no Museu Britânico, questão que até hoje aguarda uma resolução (no caso, a repatriação dos mármore por parte da Grécia moderna).¹⁰ Além disso, o excerto reforça a evidência da política cultural perpetrada pelo Império Britânico de apropriação de artefatos e objetos arqueológicos como instrumento de legitimação de sua política imperialista (HAMILAKIS, 2007, p. 243-286).¹¹

Em 1812, a terceira missão da Sociedade dos Dilettanti conduziu à intervenção arqueológica de maior impacto, até então, no local do santuário eleusino. Sob a direção de Sir William Gell e com assistência dos arquitetos John Grandy e Francis Redford foram realizadas intervenções na porção nordeste das margens da colina eleusina, onde foram investigadas, pela primeira vez, as áreas do Propileu Maior e do Templo de Ártemis Propilaia (MYLONAS, 2009, p. 12). Além disso, os membros desta missão foram responsáveis pela identificação da exata localização do *Telesterion* na topografia (Fig. 1) (COSMOPOULOS, 2015, p. 37).¹²

A Sociedade dos Dilettanti compilou o resultado das pesquisas e publicou, em 1833, a obra intitulada *The Unedited Antiquities of Attica: comprising the Architectural remains of Eleusis, Rhamnus, Sunium, and Thoricus*. Trata-se do primeiro estudo extensivo sobre as intervenções arqueológicas realizadas na Ática, em que consta, inclusive, o trabalho feito em Elêusis (THE SOCIETY OF DILETTANTI, 1833).¹³ A obra, de 1833, permanece impactante nos estudos sobre a topografia antiga até hoje, sobretudo por conta da qualidade de seus desenhos, plantas arquitetônicas e reconstruções artísticas. Na figura abaixo (Fig. 1), é possível observar uma das primeiras implantações do santuário de Elêusis preparada pelos arquitetos da expedição dos Dilettanti, em que consta a localização exata do *Telesterion*, dos propileus e do Templo de Ártemis e Poseidon (MYLONAS, 2009, p. 12).

¹⁰ A respeito da questão dos "mármore de Elgin", vale a leitura de Hamilakis (2007, p. 243-286).

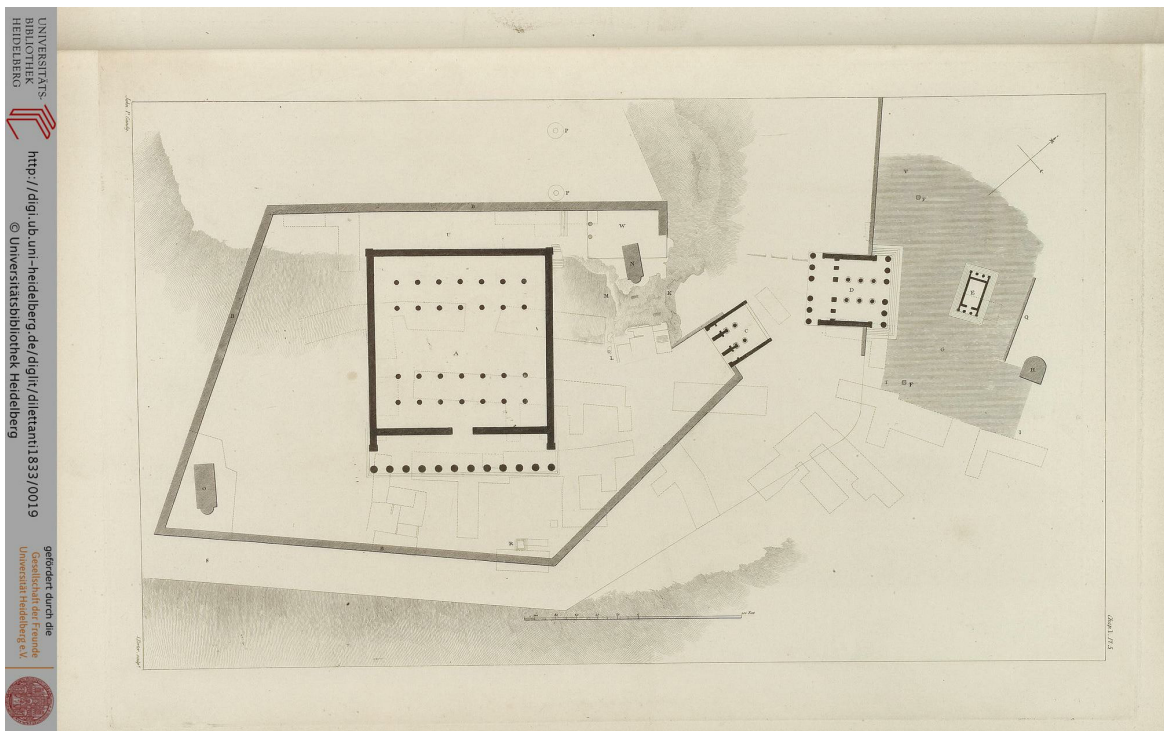
¹¹ Segundo Jenkins (1992, p. 19), sua aquisição figurou inclusive como símbolo estético da vitória britânica sobre Napoleão em Waterloo (1815), em alusão à vitória grega sobre os persas em Maratona (490 a.C.).

¹² Para detalhes da viagem de William Gell, vale a leitura de Kelly (2010); e do contexto histórico apresentado por Dyson (2006) e Díaz-Andreu (2007).

¹³ A versão digital da obra encontra-se no acervo online da Universidade de Heidelberg. Disponível em: <<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/dilettanti1833/0019>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

No entanto, vale destacar que grande parte da pesquisa que gerou esta planta foi feita antes das escavações sistemáticas e, portanto, anterior à apropriação da área para o trabalho arqueológico. Embora a localização feita pelos estudiosos tenha sido correta, a disposição das colunas do *Telesterion* acabou se mostrando errônea posteriormente (COSMOPOULOS, 2015, p. 37).

Figura 1 - Planta baixa do santuário de Elêusis feita pelos Dilettanti (1833) com indicação da localização do *Telesterion* (câmara de iniciação aos Mistérios) no centro da área de períbolo



Fonte: The Society of Dilettanti (1833, plate 5).

Após cerca de uma década de conflito armado, a Grécia conquistou, enfim, sua independência do Império Otomano, em 1830. Dessa forma, o processo de formação da nação grega levou os novos governantes a terem um cuidado especial com as antiguidades do território, especialmente para conter a onda de saques de estátuas, monumentos e objetos pelos viajantes e diplomatas antiquaristas, em conluio com os antigos governantes. Assim, a Sociedade Arqueológica de Atenas (*Η εν Αθήναις Αρχαιολογική Εταιρεία*) foi criada,¹⁴ em 1837, por Constantinos Belios, responsável tanto pela proteção das antiguidades no território grego quanto pelo dever em coordenar os

¹⁴ Para mais informações sobre a Sociedade Arqueológica de Atenas, consultar o site oficial da instituição em: <<https://www.archetai.gr/index.php?lang=el>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

estudos nos sítios arqueológicos e regulamentar as atividades das escolas arqueológicas estrangeiras no país (DYSON, 2006, p. 72-77).

Dessa forma, pode-se afirmar que a busca pela Antiguidade Clássica durante os séculos XVII e XVIII teve como pressuposto a legitimação política para a consolidação de novas ordens sociais e o incentivo aos viajantes a desvendarem as antiguidades das “grandes civilizações”, sobretudo de tradição greco-romana, em razão de serem compreendidas como referências político-culturais para as classes dominantes que financiavam as empreitadas (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 57-58). No entanto, já no fim do século XVIII e ao longo do XIX há uma inspiração e apropriação da Antiguidade Clássica, representada por suas antiguidades, como instrumento legitimador de políticas imperialistas que buscaram no passado desejado (o passado clássico de origem greco-romana) as origens para sua identidade nacional (DYSON, 2006, p. 86-132; DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 317-318). No item a seguir, abordaremos as questões levantadas a partir do caso eleusino, no contexto da discussão sobre os usos da cultura material e os processos históricos que influenciaram diretamente sua documentação e interpretação.

Os usos da cultura material e a formação das identidades nacionais europeias: uma questão complexa

Os relatos de viagem feitos pelo antiquariato entre os séculos XVII e XIX, os quais evidenciamos por meio das menções ao santuário de Elêusis na Ática, tiveram um contexto fortemente arraigado às políticas culturais de resgate da Antiguidade Clássica. Não à toa, a cultura material greco-romana despertou o interesse das elites dominantes de nações imperialistas, o que inclusive fundamentou a criação de sociedades antiquárias como a Sociedade dos Dilettanti, no final do século XVIII. No entanto, é necessário explorarmos essas questões à luz da formação das identidades nacionais europeias, destacando, sobretudo, a relação entre as nações imperialistas e a Grécia durante seu processo de independência política do Império Otomano. Nosso objetivo é problematizar os dois principais impactos das intervenções antiquárias em Elêusis: o legado da documentação textual e visual da cultura material e as consequências do manejo das antiguidades por esses pesquisadores.

No século XIX, a Antiguidade Clássica foi apropriada para a fundamentação das identidades de nações em formação, cuja noção de “civilização” escolhida foi justamente aquela do passado clássico (greco-romano). Seguindo a definição de Anderson (1983, p. 6), a nação pode ser compreendida como uma “comunidade politicamente imaginada – e imaginada como inerentemente limitada e soberana.”. É imaginada porque seus

membros nunca vão se conhecer de fato (sequer vão ouvir falar sobre a existência de cada um). Ademais, é limitada, porque, embora possa englobar centenas de indivíduos, tem fronteiras finitas, delimitadas e terminam nos limites com outras nações (ANDERSON, 1983, p. 6-7). É ainda imaginada como soberana porque seu conceito foi criado num período em que o Iluminismo e a Revolução Francesa tinham pulverizado a ordem real dinástica, hierárquica e divinamente ordenada. Por fim, é uma comunidade, pois é imaginada como “uma profunda e horizontal camaradagem, mesmo que prevaleça a desigualdade e a exploração sociais” (ANDERSON, 1983, p. 7). Assim, o conceito de “comunidade imaginada” usado para explicar a experiência dos estados nacionais no século XIX permite vislumbrar o fenômeno como uma construção social que, inventada, justificada e munida de seus próprios mitos fundadores, compreende todo espectro de relações entre o poder e as manipulações conscientes do passado. A respeito deste último aspecto, Kohl (1998, p. 240) afirma que a cultura material serve bem a estes propósitos:

Archaeological evidence may be peculiarly susceptible to manipulation for nationalist purposes because it is physical and visible to a nation's citizens who interact with it, consciously or not, on daily basis. Archaeological sites become national monuments, which are increasingly being transformed into lucrative tourist attractions. Their artifacts are stored and displayed in national museums and constitute an invaluable part of the national patrimony, a heritage that becomes more and more broadly defined.

Por um lado, o passado clássico da Grécia foi resgatado por viajantes e sociedades antiquaristas de nações imperialistas entre os séculos XVIII e começo do XIX, tais como a França e o Reino Unido, o que ficou evidente tanto na apresentação dos relatos de viajantes quanto nos próprios excertos apresentados dos antiquaristas em suas visitas ao vilarejo de Elêusis, por exemplo. Conforme apresentado aqui, as relações entre esses antiquaristas e os governadores otomanos, na Grécia, foram marcados pela cumplicidade perante o manejo das antiguidades e culminou, em alguns casos, até na remoção de artefatos e estátuas (vide o caso da cariátide de Elêusis). Entretanto, com a conquista da independência da Grécia frente ao Império Otomano, em 1830, a Antiguidade Clássica passou a ser reapropriada novamente como um passado ideal. Afinal, a recém-criada nação viu, em seu próprio passado clássico, o elemento unificador para sua identidade nacional (DYSON, 2006, p. 73). Nesse sentido, a própria acrópole da capital, Atenas, se tornaria símbolo da nação grega moderna. Mas, para isso, foi necessário criar um “palimpsesto”, uma vez que, nela, também havia remanescentes construtivos de outros períodos e indicativos da presença de outros povos, como os francos, os venezianos e os turco-otomanos, por exemplo:

The decision was made almost immediately to begin the removal of all postclassical remains. The motives were partly archaeological and partly ideological. Scholars and antiquarians sought more information on the classical buildings that were encumbered by the later structures, while classically oriented nationalists wanted to obliterate the reminders of centuries of foreign domination and to make plain and clear the links to the glorious period of Hellenic civilization (DYSON, 2006, p. 76).

Nesse sentido, a cultura material da Antiguidade Clássica é apropriada como símbolo da comunidade imaginada grega. E, para sustentar a identidade nacional imaginada nestes termos, foi necessário apagar outros aspectos do passado coletivo (DYSON, 2006, p. 76).

Vale afirmar, no entanto, que a questão é complexa e não convém entrar nos pormenores das identidades nacionais em particular e suas especificidades na apropriação da cultura material. O que observamos, no decorrer deste artigo, é que, por trás dos relatos de viajantes que registraram suas impressões sobre o vilarejo de Elêusis, há um intenso movimento político de resgate cultural de um passado idealizado (o passado "clássico") para legitimações políticas de grupos sociais, a princípio emergentes, especialmente na Itália e França, entre os séculos XV e XVII (DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 57-58). Esse movimento também aponta para a formação de identidades nacionais que projetavam suas raízes em um passado clássico greco-romano a partir da segunda metade do século XVIII até o XIX, sobretudo na França e Reino Unido (DYSON, 2006, p. 86-132; DÍAZ-ANDREU, 2007, p. 317-318). No entanto, essa análise não pode se desprender das ações assimétricas exercidas pelo imperialismo turco-otomano na Grécia, bem como da relação destes com os diplomatas de outras nações europeias, cujas consequências para o povoado local e para o manejo das antiguidades ficaram evidentes a partir de algumas constatações feitas pelos viajantes (HAMILAKIS, 2007, p. 64-78), tal como observamos no relato de E. D. Clarke (1814). Ademais, constatou-se um impacto demasiado negativo destas intervenções antiquaristas no sítio de Elêusis, principalmente devido à remoção de artefatos e da cariátide, sendo que esta detinha não só valor histórico por seu contexto no sítio arqueológico, como o próprio objeto possuía um significado profundo para a comunidade local (HAMILAKIS, 2007, p. 70-73). Se olharmos do ponto de vista arqueológico, tal como esta ciência se constitui hoje, as intervenções feitas pelos viajantes antiquaristas, incluindo aquelas feitas pela Sociedade dos Dilettanti entre o fim do século XVIII e começo do XIX, tiveram um papel impactante na qualidade da documentação topográfica referente aos estratos tardios do santuário de Elêusis, particularmente das fases romanas (entre os séculos I a.C. - IV d.C.). Elas destacaram, por exemplo, problemas como datações imprecisas e carência de dados estratigráficos (LIPPOLIS, 2008, p. 35; PERISSATO, 2018, p. 60-61).

Entretanto, se olharmos em retrospectiva e nos permitirmos um exercício teleológico, podemos identificar outro processo histórico no caso dos relatos antiquaristas. É possível traçar indícios rumo à formulação científica da Arqueologia por meio do registro progressivamente apurado das descrições artefatuais e da paisagem, fato que é observado principalmente a partir das descrições de sociedades como a Sociedade dos Dilettanti. Nesse sentido, o *corpus* de relatos de viagem feitos por estudiosos em passagem pelo vilarejo de Elêusis entre os séculos XVII e XIX é de suma importância para a história do vilarejo, bem como resguardam importantes informações, como descrições de paisagem, do povoado local e suas relações com os estrangeiros, descrições de artefatos e estruturas encontradas no sítio, desenhos artísticos e mapas, além das primeiras transcrições epigráficas de inscrições encontradas *in situ*. Das publicações da Sociedade dos Dilettanti (STUART; REVETT, 1816; CHANDLER; REVETT, 1825; THE SOCIETY OF DILETTANTI, 1833) ainda se destacam os primeiros levantamentos topográficos, bem como plantas arquitetônicas e reconstruções artísticas de alta qualidade, sendo utilizados até hoje por especialistas do tema, como Lippolis (2006; 2008) e Cosmopoulos (2015).

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo indicar o impacto da experiência antiquária no vilarejo de Elêusis (Ática, Grécia), local que abrigava o antigo e popular santuário de Deméter e Core. Para isso, foi analisado o registro da presença de viajantes antiquaristas no período entre os séculos XVII e início do XIX, em que foi possível, inclusive, explorar excertos de relatos como os de Jacob Spon (1678), Julien-David Le Roy (1755), Edward Daniel Clarke (1815) e da Sociedade dos Dilettanti (THE SOCIETY OF DILETTANTI, 1833). O caminho argumentativo aqui traçado seguiu a compilação dos textos da tradição clássica que se referem ao mito eleusino e ao santuário de Elêusis, em que foi possível compreender este processo histórico como um movimento contemporâneo ao próprio antiquariato. Em seguida, foram apresentados os relatos que se referem ao vilarejo de Elêusis, destacando a posição de seus autores sobre o manejo das antiguidades, as observações sobre o povoado local e a paisagem, e as relações com os governantes. Finalmente, o texto procurou amarrar estes elementos ao contexto histórico das apropriações da Antiguidade Clássica e seus desdobramentos para o processo de formação das identidades nacionais.

A análise aqui apresentada, portanto, permitiu constatar dois impactos das intervenções dos viajantes antiquaristas no vilarejo de Elêusis. Em primeiro lugar, destacam-se as consequências polêmicas do manejo das antiguidades por parte de alguns viajantes, fato que está estreitamente relacionado ao movimento político de resgate cultural do

passado clássico por parte de nações europeias imperialistas em formação. Por outro lado, há de se destacar a importância fundamental dos relatos antiquaristas para a história do vilarejo de Elêusis (e da Grécia) no período proposto como uma importante fonte histórica textual e visual, além de uma rica coleção de descrições da paisagem, dos artefatos e estruturas encontradas, além de se constituírem como os primeiros compêndios epigráficos e registros da topografia antiga.

Referências

Documentação textual

CLARKE, E. D. *Travels in various countries of Europe Asia and Africa*. London: Cadell and Davies, 1814.

LE ROY, J. *The ruins of the most beautiful monuments of Greece*. Introduction by Robin Middleton. Translation by David Britt. Los Angeles: Getty Publications, 2004.

SPON, J. *Voyage d'Italie, de Dalmatie, de Grèce et du Levant, fait aux années 1675-1676*. Amsterdam 1678. t. II. Disponível em: <<https://archive.org/details/voyageditalieded02spon/page/n3/mode/2up>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

THE SOCIETY OF DILETTANTI. *The Unedited Antiquities of Attica: comprising the architectural remains of Eleusis, Rhamnus, Sunium, and Thoricus*. London, 1833. Disponível em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/dilettanti1833/0003/image>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

WHEELER, G. *A journey into Greece in the company of Dr. Spon of Lyons*. London, 1682.

Obras de apoio

ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. Brooklyn: Verso Books, 1983.

BORDNAR, E. S. J. *Cyriacus of Ancona and Athens*. Brussels: Latomus, 1960.

BREMMER, J. Myths, mythology, and mythographers. In: BOYS-STONES, G; GRAZIOSI, B; VASUNIA, P. (ed.). *The Oxford Handbook of Hellenic Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CHANDLER, R; REVETT, N. *Travels in Asia Minor and Greece*. Oxford: Clarendon Press, 1825. v. 2.

COSMOPOULOS, M. *Bronze Age Eleusis and the origins of the Eleusinian Mysteries*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

- DIÁZ-ANDREU, M. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: nationalism, colonialism, and the past*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DODWELL, E. *A classical and topographical tour through Greece during the years 1801, 1805 and 1806*. London: Rodwell and Martin, 1819.
- DYSON, S. L. *In pursuit of ancient pasts: a history of Classical Archaeology in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. New Haven/London: Yale University, 2006.
- FAULKNER, A. (ed.). *The Homeric Hymns: interpretative essays*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HAMILAKIS, Y. *The nation and its ruins: Antiquity, Archaeology, and national imagination in Greece*. Oxford: Classical Presences, 2007.
- JENKINS, I. *Archaeologists and Aesthetes*. London: British Museum Press, 1992.
- JUDEICH, W. *Athen im Jahre 1395 nach Beschreibung des Niccolò de Martoni*. Athen: Athenische Mitteilungen, 1897, p. 423-438.
- KELLY, J. M. *The Society of Dilettanti: Archaeology and identity in the British Enlightenment*. New Haven/London: Yale University Press, 2010.
- KOHL, P. L. Nationalism and Archaeology: on the constructions of nations and the reconstructions of the remote past. *Annual Review of Anthropology*, v. 27, p. 223-246, 1998.
- LENORMANT, L. *Monographie de la Voie Sacrée éleusinienne, de ses monuments et ses souvenirs*. Paris: Hachette, 1864.
- LIPPOLIS, E. Eleusi, santuario dell'Impero. *Bollettino di Archeologia Online*, v. especial, p. 34-46, 2008.
- LIPPOLIS, E. *Mysteria: Archeologia e culto del santuario di Demetra ad Eleusi*. Milano: Bruno Mondadori, 2006.
- MENESES, U. B. de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, n. 115, p. 103-117, 1983.
- MESKELL, L. Introduction: Archaeology matters. In: MESKELL, L. (ed.). *Archaeology under fire: nationalism, politics and heritage in the Eastern Mediterranean and Middle East*. London: Routledge, 2002, p. 1-13.
- MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.
- MULRYAN, J. The Renaissance Mythographers. In: ZAJKO, V; HOYLE, H. (ed.). *A Handbook to the Reception of Classical Mythology*. London: Willey Blackwell. 2017.
- MYLONAS, G. E. *Eleusis and the Eleusinian Mysteries*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- MYLONAS, G. *The Hymn to Demeter and her Sanctuary at Eleusis*. Saint Louis: Washington University Studies, 1942.

- PAPANGELI, K; CHLEPA, E. *Transformations of the Eleusinian landscape antiquities and the modern city*. Athens: Paul & Alexandra Canellopoulos Foundation, 2011.
- PERISSATO, F. *Elêusis no Império Romano: monumentalização do santuário e o culto dos Mistérios Eleusinos no Período Antonino*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- POLITIS, N. *Traditions*. Athens: P. D. Sakellariou, 1904.
- REDFORD, B. *Dilettanti: the Antic and the Antique in Eighteenth-Century England*. Los Angeles: Getty Publications, 2008.
- STUART, J; REVETT N. *The Antiquities of Athens: measured and delineated by James Stuart and Nicholas Revett Painters and Architects*. London: Thomas Bentham, 1816.
- TRIGGER, B. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.